

As novas heroínas: MMA e gênero feminino na Telenovela A Força do Querer¹

Tarcyanie Cajueiro SANTOS²

Uniso, São Paulo, SP

RESUMO

Este texto apresenta os resultados parciais de uma pesquisa em andamento financiada pela Fapesp sobre esporte e gênero, buscando refletir sobre a representação das atletas do UFC na mídia, mais especificamente na telenovela. O referencial teórico se apoia em estudos de gênero (BUTTLER, 2003; SCOTT, 1990). Na metodologia, trabalhamos os conceitos de representação de Hall (2016) e tecnologias de gênero de De Lauretis (1994). O recorte é a discussão sobre gênero feminino na novela a Força do Querer a partir da personagem Jeiza, policial que trabalha no Batalhão de Ações e Cães e se torna lutadora profissional de MMA. O resultado do artigo aponta para uma personagem cujo feminismo se reduz às questões amorosas e também à disseminação do “culto da performance” (EHERENBERG, 2010), por meio de uma personagem heroica e empreendedora.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; gênero; telenovela; MMA.

Introdução

Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa em desenvolvimento com financiamento da Fapesp nos eixos comunicação, esporte e gênero, buscando refletir sobre a representação das atletas do (UFC) na mídia, mais especificamente na telenovela a Força do Querer.

A telenovela A Força do Querer, escrita por Glória Perez, estreou em 3 de abril de 2017, no horário nobre da Globo, e permaneceu no ar por quase sete meses, alcançando altos índices de audiência, “chegando em seu ápice no último capítulo, de número 172, exibido no dia 20 de outubro de 2017, com 50 pontos em São Paulo e 49 pontos no Rio de Janeiro” (MATTOS, 2018, p.73).

Trata-se de uma novela cuja narrativa se estrutura a partir dos querereres, dos desejos, escolhas e buscas dos personagens, enfatizando “o embate entre o querer (vontade) e o embate entre os limites éticos e morais que permeiam nossas escolhas”

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – Uniso. Doutora em Comunicação pela USP, e-mail: tarcyanie.santos@prof.uniso.br.

(GSHOW, 2016). Nesse sentido, a autora Glória Perez elucidada sob forma de romance e por meio de vários personagens as dificuldades e dilemas identitários de se viver numa “sociedade pós-tradicional” (GIDDENS, 2002).

As novelas são os produtos mais lucrativos da Rede Globo e, por isso, atraem grandes anunciantes. Destinadas às mulheres e à família, a novela fomenta a cultura de consumo por meio da promoção de bens e estilos de vida associados a esses bens. Tendo em vista esses pressupostos, elegemos como recorte deste trabalho a discussão sobre gênero feminino na telenovela a Força do Querer a partir da personagem Jeiza (atriz Paolla Oliveira), policial que trabalha no Batalhão de Ações e Cães e se torna lutadora profissional de MMA, chegando a ganhar o tão almejado cinturão numa luta no UFC 212.

Este texto se divide em 2 partes: no primeiro momento, apontamos o que é o UFC, discorrendo sobre o seu surgimento e transformação até os dias atuais, com a incorporação das atletas femininas nesta competição. No segundo momento, entendendo que a mídia é uma poderosa “tecnologia de gênero” (LAURETIS, 1994), discutimos a produção de sentidos ligada à personagem Jeiza, policial e atleta de MMA, no que diz respeito ao modo como a representação do gênero feminino é construída em torno dela. Nesse sentido, concordamos com Almeida (2007, 2012), para quem o gênero é um eixo que atravessa a cultura do consumo e, a mídia, por seu lado, produtora e disseminadora de significados. Nossa análise se baseia no conceito de representação de Stuart Hall (2016), por meio de análise do material de divulgação da novela sobre a personagem em sites e episódios da novela nos quais aparecem a personagem Jeiza.

UFC e o advento das mulheres

O esporte moderno começou a se desenvolver na Grã-Bretanha a partir do século XVIII, quando “[...] tornou-se um jogo e os elementos violentos começaram a ser mais controlados” (DUNNING, 1993, p. 172). Entre as mais diversas modalidades esportivas, as Artes Marciais Mistas (MMA) caracterizam-se “[...] pelo emprego de técnicas oriundas de diversas artes marciais e/ou esportes de combate, como capoeira, jiu-jitsu, muay thai, kickboxing, taekwondo, caratê, judô, wrestling, boxe, luta livre e kung fu” (GREESPAN, 2014, p.14). Tais esportes têm origens em locais e momentos históricos diversos, com significados e funções sociais distintas, mas juntos estão sob o nome de MMA, sendo praticado por inúmeras pessoas no mundo inteiro.

Hoje em dia, o UFC é o principal torneio de MMA do mundo, refletindo o contexto econômico e sociocultural no qual está inserido. Do ponto de vista econômico, o UFC origina-se numa época marcada pelo aumento global da concentração de poder dos grandes conglomerados e do crescimento de fluxo de informação, capitais e mercadorias. Do ponto de vista sociocultural, ele contribui para a disseminação de valores neoliberais, como a defesa de que o indivíduo seja o empreendedor de si mesmo.

Antes de se tornar UFC, este torneio estava ligado aos combates de vale-tudo promovidos no Rio de Janeiro pelos irmãos Grace no início do século XX. O UFC propriamente dito surgiu nos Estados Unidos em 1993, como um evento de lutas mistas, transmitido pela TV, ao vivo em pay-per-view no formato de show, visando propagar as Artes Marciais Mistas (MMA). O objetivo do programa era promover uma disputa de Vale-Tudo entre diferentes estilos de artes marciais, buscando provar qual técnica era superior. No torneio, oito lutadores de diferentes estilos se enfrentariam num torneio “mata-mata”, ou seja, o ganhador de cada luta ganhava o direito de ir para a próxima fase, e o perdedor era desclassificado. Quase não havia regras, limite de peso, ou tempo máximo de duração para as lutas.

Vendido para Lorenzo Fertitta, Frank Fertitta III e Dana White, o UFC tornou-se a competição esportiva com o crescimento mais rápido da história. A partir de 2001, a organização passou a investir em transmissões de lutas por pay-per-view. Desde o início, já possuía uma estreita relação com a linguagem midiática, tanto que a forma octogonal de seus ringues foi inspirada no filme “Conan, o Bárbaro”. Segundo Alvarez e Marques (2013, p.7), muito embora não se possa perder de vista o desejo de seu fundador Rorion Grace de disseminar pelo mundo o jiu-jitsu brasileiro, desenvolver lutas e torná-las esportivas, o UFC é “[...] muito mais a criação de um produto midiático do que uma disputa esportiva”. Nas palavras de Grespan (2014, p.16):

O UFC foi criado para ser um campeonato de lutas em formato de “show”, um evento de consumo esportivo transmitido pela televisão através de PPV e sua promoção era realizada através da frase “there are no rules” (“não há regras”). De um campeonato de lutas cujo lema era “não há regras”, o UFC precisou repensar seu formato para ser aceito como um esporte e não como um show de brutalidade, como era tratado pela mídia. Nesse caso, ele parece ter passado por um processo civilizatório e midiático de padrão aceitável, de uma violência contida pelo capital. Em 2001, o UFC foi “[...] vendido para os executivos do Station Casinos, Frank e Lorenzo Fertitta e o promotor de boxe Dana White, criadores da Zuffa, empresa controladora da patente do evento” (GRESPLAN, 2014, p.17).

O UFC aumentou o número de categorias de pesos e recebeu regras mais rígidas, passando a ser chamado de Artes Marciais Mistas e não mais Vale Tudo, como era conhecido até então.

A origem e o crescimento do UFC estão relacionados à ampla divulgação midiática na chamada “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999), cuja difusão ocorre por meio de sites, blogs, televisão, canais de PPV, revistas, entre outras mídias. A internet foi crucial para sua popularização e conseqüente aumento do número de espectadores. As redes sociais digitais – com comentários de lutadores, treinadores e fãs – ajudaram a criar expectativas em relação às lutas e às(aos) próprias(os) atletas.

Neste contexto, o MMA tornou-se um produto global, passando a ser assistido e praticado não apenas por homens, mas também por mulheres. Grespan (2014) aponta que, desde os anos 1990, já há mulheres lutando MMA e, como esse número vem crescendo significativamente, o resultado é a participação cada vez maior dessas atletas no UFC. De acordo com a autora,

Em dezembro de 2012, havia duas lutadoras oficialmente contratadas. Já em maio de 2014, havia 25 atletas oficialmente contratadas. O primeiro ranking oficial do UFC da categoria das mulheres foi divulgado em 04 de março de 2013, a primeira mulher no ranking do peso por peso foi divulgada em 16 de dezembro de 2013 (GRESPLAN, 2014, p. 26).

Entre as diversas lutadoras desta modalidade, a americana Ronda Rousey foi a que obteve maior visibilidade midiática. Muito embora as mulheres lutem MMA desde os anos 1990, conforme salienta Grespan, elas só ganharam visibilidade em 2012, com a contratação da americana pelo UFC. Até o advento de Ronda, Dana White não tinha nenhum interesse em contratar mulheres para o torneios de UFC. Suas palavras são reveladoras sobre a importância de Ronda para a inserção das mulheres no UFC: “[...] O MMA feminino só está no UFC por causa dela. Ela é a campeã e merece estar aqui” (WHITE apud VICENTIM, 2013). Ronda, considerada como uma das melhores atletas do campo dos esportes de combate, foi a primeira medalhista de judô dos Estados Unidos em Jogos Olímpicos, conquistando a de bronze em Pequim, em 2008. Sua popularidade “fez com que o UFC abrisse mais categorias para mulheres – atualmente são quatro. E a chegada de cada vez mais atletas contribuiu para que o MMA evoluísse em uma velocidade impressionante” (UOL ESPORTE, 2018). A norte-americana tornou-se uma celebridade ao conquistar o cinturão peso-galo do Strikerforce e foi a primeira detentora do Cinturão Peso Galo Feminino do UFC. No entanto, se Ronda foi um divisor de águas,

outras atletas de renome seguem competindo nos torneios de UFC e atraem um grande público, como é caso de Holly Holm, Amanda Nunes e Cris Cyborg.

Levando em consideração o aumento do número de atletas mulheres nessa modalidade, cabe perguntarmos em que medida e como o UFC aparece como um espaço de disputas e resistências, apontando para uma representação na qual a mulher não se reduz ao modelo hegemônico de feminilidade? Ou se a entrada das mulheres em um esporte como este já não apontaria para a reprodução e imposição de padrões de comportamento masculinos para que elas possam ser socialmente reconhecidas? Há espaço nos veículos de comunicação para as atletas? De que forma a inserção é feita? O modelo de normatização das atletas é uma reprodução de formas disciplinares de corpos e subjetividades que as colocam dentro de modelos preestabelecidos representados hegemonicamente pela sociedade de consumo? Se não há como responder a tais questionamentos de imediato, propomos uma reflexão a partir da personagem Jeiza da novela *A Força do Querer*.

Telenovela, gênero e o culto da performance

As telenovelas anunciam uma ampla variedade de produtos e estilos que incide sobre um grande número de pessoas em todo o país. Muito embora atinjam uma ampla e diversificada audiência no que diz respeito à classe social, sexo e idade, elas ainda são pensadas como um produto para a família brasileira, em especial, para as mulheres. As novelas retratam, geralmente, os estilos de vida e valores sociais das classes altas e médias de São Paulo ou do Rio de Janeiro e suas narrativas giram em torno de temas considerados femininos, como o romance, a família e a afetividade. As novelas das nove tem um público mais diversificado e, ainda assim, tratam de temas considerados femininos, como o amor, dramas familiares, questões que dizem respeito à intimidade e ao afeto. “As histórias são centradas em personagens femininos, heroínas que lutam contra diversos tipos de dificuldades até o final feliz do encontro amoroso definitivo e desimpedido dos empecilhos que constituíram por meses a longa trama narrativa” (ALMEIDA, 2007, p.183).

As telenovelas podem ser pensadas como “tecnologias de gênero” (DE LAURETIS, 1994), ou seja, como práticas discursivas que produzem efeitos sobre os corpos, relações sociais e comportamentos. Nesse sentido, a telenovelas disseminam narrativas, produzindo efeitos de sentido a partir concepção de gênero sobre as quais elas

se baseiam. Ao pensar gênero como uma prática discursiva, De Lauretis aponta esse conceito para além da diferença sexual. Nesse caso, gênero não seria uma propriedade dos corpos, nem algo existente a priori, mas efeito de linguagem produzido por diferentes aparatos médicos e tecnologias sociais. Essa ampliação da noção de gênero também é encontrada em Scott, que define gênero a partir de duas proposições ligadas entre si: o de que ele é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos” e o de que ele é “um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p.5). Essa conceituação pressupõe que as relações de gênero são práticas que emergem num dado contexto histórico e social e não o simples produto de determinações biológicas. Nesse caso, são práticas que pressupõem a questão de sentido e de relações de poder. Butler (2003, p.9), de modo análogo a Scott, explica as categorias de sexo, gênero e desejo como efeitos de uma formação específica de poder, constituindo-se como “efeitos de instituições, práticas e discursos, cujos pontos de origem são múltiplos e difusos”.

O conceito de representação em Stuart Hall (2016) aparece como uma ferramenta teórica e metodológica para a compreensão de como a telenovela é uma potente tecnologia de gênero, posto que diz respeito ao modo como as pessoas dão sentido a si mesmas e ao mundo sobre o qual elas tecem relações e práticas sociais. A representação refere-se a sistemas simbólicos, como textos e imagens, envolvidos na produção de um produto cultural, que incide sobre as identidades que lhes são associadas e têm um efeito de regulação na vida social, promovendo o consumo. “Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e de imagens que significam ou representam objetos” (HALL, 2016, p.31). Ou seja, a representação do gênero feminino por meio da personagem Jeiza da novela *A Força do Querer*, pressupõe a análise do modo como essa tecnologia de gênero usa a linguagem para produzir sentido.

A novela *A Força do Querer* foi exibida no horário nobre, depois do *Jornal Nacional*. Nela, as histórias dos personagens se cruzaram umas com as outras. O primeiro capítulo da novela se passa na região Norte do país, no interior do Pará, na fictícia Parazinho, onde os personagens protagonistas Zeca (Marco Pigossi) e Ruy (Fiuk) - ainda crianças - se afogam e são salvos por um índio que entrega à dupla uma espécie de amuleto e lhes dá um aviso: “a água que os uniu será a mesma que irá separá-los”.

Vinte anos depois, os dois se encontram e passam a disputar o amor de Ritinha (Isis Valverde), que acredita ser filha de um boto, tendo uma forte ligação com as águas. Ritinha reproduz o estereótipo de uma sereia: linda, sedutora, buscando seguir seus desejos. “A partir daí, os caminhos de Zeca e Ruy seguirão entrelaçados pela rede de fascínio e dominação dessa mulher, rumo a situações inesperadas e surpreendentes” (GSHOW, 2017).

Se no início, a novela transcorre entre a fictícia cidade do Pará (Parazinho) e no Rio de Janeiro; posteriormente, é no Rio de Janeiro que se desenrola a trama. Esta novela é composta por diversos núcleos, nos quais se cruzam personagens que imbuídos de seus quereres (sonhos) acabam se esbarrando uns com os outros, por meio de temas como: sereismo, transexualidade, relações amorosas, segurança pública, vício em jogo, cosplayer, tráfico de drogas e MMA. O fio condutor é o embate entre os limites éticos e morais, de um lado, e os desejos e escolhas das pessoas de outro. Trata-se de uma novela que tem oito histórias e conta com quatro protagonistas masculinos: Zeca (Marco Pigossi), Ruy (Fiuk), Rubinho (Emilio Dantas) e Caio (Rodrigo Lombardi); além de quatro protagonistas femininas: Isis Valverde (Ritinha), Juliana Paes (Bibi), Carol Castro (Ivana/Ivan) e Paolla Oliveira (Jeiza). Nosso interesse recai especificamente na personagem Jeiza (atriz Paolla Oliveira), policial que trabalha no Batalhão de Ações e Cães e é lutadora de MMA, chegando a ganhar o tão almejado cinturão numa luta no UFC 212, no último capítulo da novela. Esta personagem foi inspirada na cabo Aline Trambaiolido, do Batalhão de Ações com Cães da Polícia Militar do Rio de Janeiro e, segundo o site Gshow (2017), “Jeiza quer conquistar os ringues e mostrar que mulher pode fazer o que quiser”. Logo no início da novela, aparecem os problemas sobre os quais Jeiza se defronta – seja de ter um namorado que aceite sua profissão, ou do constante perigo que passa como policial militar no Rio de Janeiro.

Zeca é caminhoneiro e se muda para o Rio de Janeiro para recomeçar uma nova vida após ser abandonado por Ritinha, que passa a se relacionar com Rui. Jeiza aparece na novela (quinto capítulo) e, numa ação policial, aborda Zeca quando este chega ao Rio de Janeiro, levando em seu caminhão castanha do Pará. A policial revista o caminhão de Zeca numa blitz, deixando-o contrariado. A partir daí, esses dois personagens vão se encontrar e viver uma história de amor muito conflituosa. Enquanto Jeiza é descrita como “uma policial linha dura, mulher bonita, sensual, cheia de garra e atitude” (GSHOW, 2017); Zeca, por seu lado, é apresentado como um homem “honesto” e de “sentimentos

intensos”. Trata-se de um personagem que incorpora o estereótipo do machão, sendo apelidado por Jeiza de “marrento”. Zeca é um homem muito ciumento e acha que o papel da mulher deve ser circunscrito à esfera do lar e da família. Dito com outras palavras, sua mulher deve viver para ele. As crises de ciúmes de Zeca, seja com Ritinha ou com Jeiza, abrange uma postura característica do machão, sendo criticado pela mídia de maneira geral, como demonstrado abaixo:

Desde quando namorava Ritinha, no começo da novela, Zeca se mostrava um cara machista e controlador, que não aceitava que uma mulher independente e dona de si estivesse ao seu lado. Por várias vezes, ele chegou a humilhar a moça na frente de outras pessoas, e a impedir que ela usasse roupas curtas ou conversasse com outros homens na sua frente (JUNQUEIRA, 2017).

Enquanto Zeca desponta como controlador e machista, desde o início de sua aparição da novela, Jeiza aparece como uma mulher forte e independente. No entanto, essa independência parece ter um preço, especialmente quando se é uma policial militar. No capítulo 8, Jeiza aparece discutindo com Vitor, seu namorado do início da novela, por causa dos seus horários na polícia. Ele demonstra insatisfação por ela não ter um horário fixo, mas Jeiza não se abala com suas queixas e não cede. Ou ele fica com ela e a aceita do jeito que é, sem ter horários fixos para chegar em casa, ou não continuam com o relacionamento. Diante desse impasse, o casal rompe, até que no capítulo 10, Vitor surpreende Jeiza com um pedido de casamento:

Jeiza: Pera aí, pera aí, deixa eu recapitular que não estou entendendo.

Vitor: Está entendendo, sim. Estou sendo bem claro contigo.

Jeiza: Você pensou direitinho no que está dizendo?

Vitor: Pensei. Fui lá pra casa e fiquei pensando na relação da gente. A gente está junto há três anos. Três anos não é pouca coisa.

Jeiza: Nunca disse que é.

Vitor: Você tem tudo o que eu gosto numa mulher. Cada coisinha....

Jeiza: Eu tenho tudo não! A minha profissão que é o que mais me define é uma encrenca para você (...). Não estou entendendo. Você quer retirar o dar um tempo e volte para o status de antes?

Vitor: Não, para o que era antes, não. Me dá a mão. Eu quero que a gente case. Para acabar de uma vez com essas besteiras, com essas briguinhas Jeiza, que só atrapalham a gente.

Jeiza: Você está ouvindo que você está dizendo?

Vitor: Você me ama ou não?

Jeiza: Ontem mesmo você estava dizendo para eu largar a PM para a gente dar certo.

Vitor: Eu não falei em largar. Quem falou em largar foi você.

Jeiza: Fazer um trabalho administrativo atrás de uma mesa é a mesma coisa que largar. Eu não estou menosprezando o trabalho de ninguém não, mas o que me atrai para vestir aquela farda é o sangue na veia, entendeu? O combate, o frio na

barriga. Saber que estou protegendo aquelas pessoas, que estou fazendo uma coisa diferente, potente.

Vitor: Fala quando

a gente tiver um filho, uma menina, a Jeizinha aqui, como é que vai ser?

Jeiza: Com filho ou sem filho, eu vou ser a mesma, vou ser eu. Você vem com esse papo de casamento achando que quando tiver um filho, eu vou mudar a minha personalidade. Pode tirar seu cavalinho da chuva, porque não vou.

Vitor: Vamos tentar ficar juntos. Eu sei, reconheço que tem um monte de coisas que você está certa. Sei que sou um cabeça dura, sei que tenho que mudar, estou mais que consciente disso, mas é que a gente morando junto é diferente.

Jeiza: Não é diferente. Não vai mudar.

Vitor: Morar junto muda tudo. A gente tem mais segurança.

Jeiza: Meu trabalho vai continuar sem hora para começar ou terminar, vai ter uma poção de dia que você vai ficar aí sozinho. Vou ter de dar plantão. Vai ter um monte de festa que você vai e eu não vou poder ir.

Vitor: A gente vai ficar junto. Meu amor, morar junto, para mim, muda tudo. Reconheço. Você está certa, já aprendi, é a sua profissão, é o que você quer para você e ninguém tem o direito de impedir você de se realizar.

Jeiza: Entendeu mesmo, ou está com esse papinho mole achando que morando junto, você vai assumir o controle? Quero saber, porque se for isso não vai dar certo. Você sabe que sou bem auto comandada, não sabe?

Vitor: Eu sei. Vamos casar.

Jeiza: Casar, assim? Casamento de papel passado e tudo, sem nenhum teste de convivência antes, nem nada? Não estou confiando não.

Essa cena é reveladora no que diz respeito à caracterização da personagem Jeiza, no início da novela, para o público, que é de uma mulher decidida e independente. Ainda nesse capítulo, a conversa entre Cândida, sua mãe, e Nazaré, tia de Zeca, sobre Jeiza demonstra que ela foge do papel convencional atribuído à mulher. Segundo Cândida, Jeiza tem gênio ruim, “Gênio ruim que ela tem, Deus me livre!”, porque, “podia estar casada com Vitor, que é bancário e tem vida estruturada”. Fato que é enfatizado por Nazaré, para quem “Jeiza precisa é de um homem mais forte que ela”. Jeiza não apenas afirma não abrir mão de sua profissão, como também prefere “fazer um teste de convivência para ver se dá certo”. Com isso, Vitor se muda para a casa onde Jeiza e a sua mãe moram. Contudo, logo em seguida, durante o trabalho, ao fazer uma ronda, Jeiza vê Vitor beijando outra mulher na frente de um bar, à noite. O relacionamento termina na festa que Jeiza faz para Vitor em sua casa. A casa está cheia de convidados quando Vitor chega. Jeiza não demonstra nenhum ressentimento, pelo contrário, beija Vitor na frente de todos os convidados e o chama para o quarto dizendo que tem uma surpresa para ele. Ele se espanta quando vê suas malas feitas e, então, ela mostra as fotos dele com outra mulher e diz para ele ir embora: “vaza daqui!”. Ele pega as malas e vai embora. Ao ver Vitor saindo com

as malas os convidados ficam atônitos; então, Jeiza batendo palmas diz: “vamos comemorar meu povo. A festa só mudou o motivo”.

Outra característica de Jeiza é a perseverança demonstrada por meio dos treinos e das lutas, muito embora não haja nenhuma menção a quaisquer preparações comuns à rotina dos atletas, como dieta, restrições, ou musculação. O sonho de Jeiza é ser lutadora profissional de MMA. Várias são as cenas de treinos e lutas até finalmente conquistar o cinturão de UFC numa luta em Los Angeles. Jeiza aparece como porta-voz do que Ehrenberg (2010) aponta como “culto da performance”, dominado pela mitologia da autorealização, na qual o governo de si e o empreendedorismo se tornam valores fundamentais da sociedade. Segundo este autor, o esporte se tornou o principal vetor e ponto de difusão de uma cultura do heroísmo, fornecendo “sua forma ideal graças a *uma dupla transformação*: uma multiplicação dos usos não-esportivos do esporte e uma esportização da aventura” (EHRENBERG, 2010, p.16). Jeiza caracteriza indivíduos que veem a si próprios como os únicos responsáveis por suas carreiras, destino e sucesso. Enquanto modelo desse culto, Jeiza vive sob riscos, construindo sua identidade num processo de busca constante. Sua vida é um desafio diário, seja como comandante da Polícia Militar, no seu namoro com o machista Zeca, ou no MMA. A busca de superação, com foco no esforço, na dedicação e disciplina aparece em vários diálogos de Jeiza com seu treinador (Raul Gazola). Quando Jeiza é convidada a participar de uma luta pelo UFC nos Estados Unidos, seu treinador diz que, para ela ganhar espaço no UFC, ela precisa abrir mão de muita coisa, fala das inúmeras dificuldades que surgirão. Para conquistar o cinturão, a atitude deve ser de vigilância e prontidão.

A determinação se soma com a honestidade da personagem. Destemida, Jeiza é um modelo de conduta, liderança e heroísmo, usando golpes e técnicas de luta quando necessário. Ela comanda operações não Morro do Beco, prende traficantes perigosos, como Rubinho. Em diversas ocasiões, ela abre mão de seus interesses pessoais em função de seus deveres, quando, por exemplo, ajuda Ritinha, que tem uma autorização judicial para ver seu filho e é impedida por Ruy. Ritinha pede que Jeiza a ajude. A major sobe junto com Ritinha ao apartamento de Ruy, e pede para mãe de Ruy (Joyce), deixá-la revistar o apartamento para procurar o filho de Ritinha. Ao não encontrar o seu filho, Jeiza aconselha Ritinha falar com um juiz para “fazer as coisas da maneira correta, pelos caminhos certos” para que ela possa efetivamente ver seu filho. Ritinha diz para Joyce que Jeiza fez o parto de seu filho e Jeiza aproveita o momento para dizer que “a rotina da

polícia não é exatamente o que as pessoas imaginam, só prender bandido; é de parto até desengasgar bebê”.

Jeiza aparece como um alento num contexto no qual o Brasil vive uma profunda crise econômica, com um alto índice de violência urbana e corrupção. No programa Mais Você da Rede Globo, de 20 de outubro de 2017, a apresentadora Patrícia Poeta diz que Jeiza:

É um exemplo de uma pessoa justa e correta. Obrigada Deus! Porque temos uma personagem também correta nessa trama assim como na vida real, né gente? É um alento ver uma personagem dessas no meio de tanto exemplo ruim que a gente acaba vendo na vida real. Momentos tão difíceis como esse no Brasil também, né? (POETA, 2017).

Convidada do programa Mais Você, a psiquiatra Ana Beatriz Barbosa, que dá consultoria a autora Glória Perez, traça um perfil de Jeiza e do que ela representa. Em suas palavras:

Jeiza foi uma homenagem que a Glória Perez quis fazer, porque a gente toda vez que fala de policial, é sempre para malhar. A gente nunca tá falando do policial que é bacana. Existem policiais civis que são formados que falam três línguas e as pessoas não têm noção disso, porque é um sacrifício. Eu acho que a Jeiza foi um grande barato. É uma policial que é bonita, é ética, tem personalidade, é passional também. Como a Bibi, ela também é passional, mas ela tem uma ética indiscutível. Eu acho que mudou o conceito das mocinhas, porque as mocinhas foram sempre frágeis. A própria Paola sempre fez várias mocinhas frágeis. Vem uma protagonista com força, né? (BARBOSA, 2017).

Jeiza não é a primeira heroína da telenovela brasileira, antes dela outras protagonistas já apareceram como mulheres fortes e empoderadas. Almeida (2012), em seu artigo intitulado “gênero e sexualidade na TV a partir de Malu Mulher”, reflete sobre as construções de gênero na televisão brasileira. Segundo esta autora, “Malu mulher faz parte de um movimento de transformação das ‘heroínas’ melodramáticas mais tradicionais para criar uma imagem de mulher mais ‘moderna’ e menos submissa” (ALMEIDA, 2012, p.127-8). A partir desta série, os temas do feminino são retrabalhados, promovendo uma conduta sexual mais livre, própria de uma mulher independente que tem uma carreira profissional, ao invés das mulheres comportadas como era de costume. Jeiza não fere a regra, aparecendo como uma mulher sexualmente liberada, que busca sua independência e protagonismo. Ela própria utiliza, em várias ocasiões, o termo “autocomandada” para referir-se a si mesma. Os temas típicos do feminismo aparecem na novela relacionados às questões pessoais, como os frequentes dramas amorosos vividos pela personagem, especialmente quando Jeiza se questiona sobre até que ponto

está perdendo sua identidade por causa do amor que sente por Zeca. Apesar dos incontáveis desentendimentos, o casal termina a novela junto, com dois filhos. O final feliz para Jeiza é a formação de sua família ao lado do machão Zeca.

A questão do preconceito contra a mulher, especialmente no que diz respeito à policial militar também é pouco abordada, aparecendo em poucas ocasiões, como no capítulo 70, no qual Jeiza e Caio conversam sobre os preconceitos com os quais a policial se defronta. Caio pergunta a Jeiza “De onde veio essa vocação?”, a que Jeiza responde: “nasceu comigo”. A conversa continua:

Caio: Hoje em dia a gente vê muita mulher na polícia. Pouco tempo atrás era um reduto só de homens.

Jeiza: mas ainda é um reduto bastante desigual

Caio: tem preconceito?

Jeiza: Até de quem a gente prende. Pode ser homem, pode ser mulher. Quando você para o carro, ou quando para alguém para ser revistado. Até mesmo para dar voz de prisão. Quando veem que é mulher, tem sempre aquela ideia de que vai ser mais fácil para dobrar, Só que não!

Jeiza não menciona em nenhum momento o preconceito sofrido pela policial feminina dentro da própria corporação. Não são poucos os problemas, a violência e o preconceito que as policiais militares sofrem, passando pela falta de banheiros, alojamentos, coletes e coturnos do tamanho certo, ao assédio moral e sexual de colegas. Araújo (2017), ao investigar o papel das mulheres na polícia Militar no Rio de Janeiro, demonstra que as policiais militares ainda continuam sendo tratadas de forma paternalista, reproduzindo relações naturalizadas nas quais as mulheres são consideradas fracas, delicadas, que precisam de proteção e cuidado. Esse *gap* já aparece na diferença de tratamento dado a ambos os gêneros: as policiais militares femininas têm um apelido - “Pfems”, diferentemente dos policiais masculinos, posto que não existe “Pmasc” para indicar o policial masculino. Tais termos com os quais as mulheres policiais militares são denominadas dentro da corporação apontam para uma diferença de tratamento entre os gêneros, não sendo simplesmente um nome, mas um substantivo adjetivado que está impregnado de significado. Pfems “demarca a posição da mulher dentro da instituição policial, que algumas vezes pode ser considerada privilegiada, e outras, subalterna. Algumas vezes inserida, outras preterida” (ARAÚJO, 2017).

A capitã policial militar Juliane Carvalho de Santana, da Corregedoria-Geral da Secretaria Social de Defesa Social de Pernambuco, questiona o termo Pfem no painel

“Violência Contra Mulher, em especial da Segurança Pública”, no 13º Encontro Nacional de Entidades Representativas de Praças – Enerp, em Florianópolis:

Esse termo Fem está positivado dentro de diversas normas de policias militares existentes. É sempre assim: o policial militar e a pfem. Não é nem ‘a policial fem’. É só ‘fem’. Então ela não é nem policial. Ela é esse ser de outro mundo criado dentro de uma tentativa masculina de aceitar aquele indivíduo ali, que não era para estar ali. Então se tem uma mulher ali, ela não é mulher. Ela é fem (SANTANA, 2017).

Ainda neste encontro, a cabo Patrícia Rodrigues dos Santos, assessora de Comunicação na Secretaria de Segurança Pública de Sergipe, apresentou o resultado de uma pesquisa que fez com policiais militares homens que trabalham nas ruas de Sergipe, que aponta à diferença de tratamento entre os gêneros na corporação, na qual a policial feminina militar muitas vezes é excluída de uma operação por ser mulher. Segundo a cabo inúmeras são as situações de preconceito sofridas pelas policiais militares. A cabo relata como exemplo uma ocorrência operacional cotidiana, na qual chamam pelo rádio um policial: “‘estou precisando de um policial’. E uma mulher se voluntariou. O superior respondeu: ‘pode ser pfem?’” (SANTOS, 2017).

Na novela não há nenhuma menção ao termo Pfem, tampouco ao fato de muitos policiais militares homens se negarem a trabalhar com policiais militares mulheres. A liderança de Jeiza aparece como algo natural e inquestionável. Ela comanda operações contra o tráfico de drogas e, como tal, toma a frente em todas as atuações da corporação, inclusive nas mais perigosas. Jeiza não apenas é imbatível dentro do octógono, como também é uma super-heroína, com uma capacidade enorme de liderança, uma coragem indescritível e um senso de responsabilidade e honestidade indescritíveis. Os feitos de Jeiza são vários, vão desde fazer parto durante um tiroteio, entrar numa favela sozinha e desarmada para resgatar crianças sequestradas, até salvar Caio - assessor da secretaria de segurança do Rio - em visita a uma favela, na qual foi designada para protegê-lo.

Considerações Finais

Este texto se insere na intersecção entre comunicação, esporte e gênero, buscando refletir sobre a representação das atletas do UFC na mídia, mais especificamente na telenovela a Força do Querer. Esta novela atingiu um alto nível de audiência e, entre os diversos temas abordados, nos detemos na relação entre esporte e gênero a partir da policial Jeiza, que aparece como a grande heroína da novela. Ao pensarmos a categoria gênero como uma construção social, relacionada com o poder e as novelas como

“tecnologia de gênero” (DE LAURETIS, 1994), que produzem efeitos sobre corpos, relações sociais e comportamentos, nos apoiamos no conceito de representação (HALL, 2016) como sistemas simbólicos sobre os quais suas práticas discursivas se fundamentam.

Nesse sentido, quando refletimos sobre a personagem Jeiza, apontamos para mulher cuja principal barreira a ser transposta parece ser a esfera do amor. Jeiza, guerreira, tal como a deusa grega Atena, é dotada de sabedoria e beleza, mas diferentemente desta deusa, ela é rendida pelo amor e pela família. Justa, sábia e protetora, Jeiza enaltece a figura da polícia militar com sua coragem, bravura e ética. Cabe perguntar porque à policial militar soma-se a lutadora de MMA. O MMA é um esporte de combate e como tal tem sido socialmente constituído por homens. Os ringues aparecem como desafios, busca de superação, foco e disciplina. Diversas são as vezes que o treinador de Jeiza, respeitosamente chamado por ela de mestre, clama por disciplina, garra e superação para conquistar o tão sonhado cinturão no UFC. Interessante é a análise de Enrenberg ao relacionar a disseminação dos valores do mundo esportivo pelo tecido social com a valorização contemporânea “de um indivíduo heroico que assume riscos, em vez de buscar proteger-se deles por meio das instituições do Estado-providência; que busca agir sobre si mesmo, em vez de ser comandado por outros” (IDEM, 2010, p.25). Com Jeiza, vemos o desinvestimento da esfera pública e do político, seja por meio de um feminismo que apenas se liga à dimensão amorosa, seja das diversas críticas feitas ao judiciário, com frases como – “a gente prende e eles soltam”. Jeiza é porta-voz da “nova mitologia esportiva” (EHERENBERG, 2010), cuja imagem ideal é a do herói, autônomo e empreendedor de sua existência. Como atleta, Jeiza é símbolo da autonomia, do mérito e das heroínas das novelas num contexto de crise política, econômica e social pelo qual passa o Brasil.

Referências

ALMEIDA, Heloiza. Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.15, n.1, p.177-192, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttex&pid=S0104026X2007000100011&Lng=em&nr=iso>. Acesso em: 12 jun 2017.

_____. Trocando em miúdos: gênero e sexualidade na tv a partir de malu mulher. **RBCS** Vol. 27 n° 79 junho/2012.

ALVAREZ, Fábio; MARQUES, José Carlos. “Da marginalidade ao mainstream: reflexões sobre o MMA (Artes Marciais Mistas) e as sociedades capitalistas contemporâneas”. **E-compós**, Brasília, v.16, n.3, set./dez., 2013. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/965/713> Acesso em: 20 de mar. 2015.

- ARAÚJO, T. Mulheres em fardas policiais militares no Rio de Janeiro **Rev. bras. segur. Pública**, São Paulo v. 11, n. 1, 74-96, Fev/Mar 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.
- BARBOSA, Ana B. **Psiquiatra, consultora de Glória Perez, comenta atitudes dos personagens de “A Força do Querer”**. Mais Você, 20/10/2017. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/mais-voce/noticia/psiquiatra-consultora-de-gloria-perez-comenta-atitudes-dos-personagens-de-a-forca-do-querer.ghtml>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- CASTELLS, Manoel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- DE LAURETIS, Teresa. (1994), “A tecnologia do gênero”, in H. B. Hollanda (org.), **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**, Rio de Janeiro, Rocco.
- DUNNING, E. Sport as a Male Preserve. Notes on the Social Sources of Masculine Identity and its Transformations. In. ELIAS, N. & DUNNING, E. **Quest for excitement: sport and leisure in the civilizing process**. Oxford: Blackwell, 1993.
- EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. São Paulo: Ideias e Letras, 2010.
- GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- GSHOW. **A força do querer**. Personagens. <http://gshow.globo.com/novelas/a-forca-do-querer/personagem/>. Acesso em: 23 de mar. 2017.
- GRESPLAN, Carla Lisbôa. **Mulheres no Octógono: performatividades de corpos e de sexualidades**. 2014. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRS, Porto Alegre, 2014.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Apicuri, 2016.
- JUNQUEIRA, Camila. “A Força do Querer”: Zeca é um dos piores personagens da novela. E temos razão! Disponível em: <https://www.vix.com/pt/tv/546277/a-forca-do-querer-zeca-e-um-dos-piores-personagens-da-novela-e-temos-razao>. Acesso em: 12 jan. 2017.
- MATTOS, G. **A produção de sentido da transexualidade na telenovela a Força do Querer: uma análise comunicacional a partir do circuito da cultura**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, 2017.
- POETA, P. **Psiquiatra, consultora de Glória Perez, comenta atitudes dos personagens de “A Força do Querer”**. Mais Você, 20/10/2017. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/mais-voce/noticia/psiquiatra-consultora-de-gloria-perez-comenta-atitudes-dos-personagens-de-a-forca-do-querer.ghtml>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- SANTANA, Juliane C. de. “Não trabalhe com pfem”, mulheres policiais militares denunciam violência e preconceito histórico que sofrem nas corporações. 13º Encontro Nacional de Entidades Representativas de Praças – Enerp, <http://enerpsc.org/index.php/2017/11/09/nao-trabalho-com-pfem-mulheres-policiais-militares-denunciam-violencia-e-preconceito-historico-que-sofrem-nas-corporacoes/>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- SANTOS, Patrícia. “Não trabalho com pfem”, mulheres policiais militares denunciam violência e preconceito histórico que sofrem nas corporações. 13º Encontro Nacional de Entidades Representativas de Praças – Enerp, 09/11/2017. Disponível em: <http://enerpsc.org/index.php/2017/11/09/nao-trabalho-com-pfem-mulheres-policiais-militares-denunciam-violencia-e-preconceito-historico-que-sofrem-nas-corporacoes/>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- SCOTT, J. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In. **Educação e realidade**. vol. 16, n. 2. Porto Alegre, 1990, p. 5-22.
- VICENTIM, Joyce. **Ronda Rousey: conheça a história desse furacão que mudou o destino do MMA feminino**. 5 fev. 2013. Disponível em: <http://mmapremium.com.br/16783/ronda-rousey-conheca-a-historia-desse-furacao-que-mudou-o-destino-do-mma-feminino/>. Acesso em: 12 dez. 2015.